

# “Trans” pondo o arco-íris: uma análise acerca do suporte social oferecido aos transgêneros de Patos de Minas e região

*Crossing over the rainbow: an analysis on the social support offered to the transgender in Patos de Minas and region*

*Carla Cristina Borges*

Graduanda do curso de Psicologia, do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

*Fábio Rodrigues Pereira*

Graduado em Letras, pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

*Mariza Ferreira Leão*

Psicóloga, mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais, docente do Centro Universitário de Patos de Minas

---

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo conhecer a percepção dos transgêneros de Patos de Minas e região acerca do suporte social oferecido pela cidade e avaliar o impacto do mesmo na qualidade de vida desse grupo de sujeitos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze sujeitos de ambos os sexos. Os dados coletados foram agrupados nos seguintes núcleos temáticos: inserção no mercado de trabalho, assistência à saúde, relação familiar e percepção subjetiva de bem-estar. Os resultados foram analisados de acordo com a teoria da Análise de Conteúdo de Bardin. Verificou-se que o grupo dos transgêneros conseguiu conquistar um espaço no mercado de trabalho local. Entretanto, no cenário social, considera que a cidade ainda carece de uma adequada assistência à saúde e de espaços de lazer preparados para a diversidade sexual, o que repercute negativamente em sua qualidade de vida.

**Palavras-chave:** transgêneros; suporte social; qualidade de vida; preconceito.

**Abstract:** The present paper aims to understand the perception of transgender in Patos de Minas and region about the social support offered by the city and evaluate the impact of the quality of life of this group of people. This is a qualitative research. Semi structured interviews were conducted with twelve people of both sexes. The data collected were grouped into the following themes: integration into the labor market, health care, family relationship and the subjective perception of well-being. The results were analyzed according to the theory of Content Analysis by Bardin. We found out that the group of transgender could win a space in the local labor market. However, on the social scene, it can be perceived that the city still lacks an adequate health care

and leisure facilities prepared for the sexual diversity, which negatively affects their quality of life.

**Keywords:** transgender; social support; quality of life; prejudice.

## 1. Introdução

A identidade de gênero deve ser considerada como um dos aspectos fundamentais da vida humana, constituindo-se, dessa forma, numa dimensão da experiência social permeada por inúmeras questões. É através dela que todo um universo de desejos, crenças e valores é articulado e compõe a identidade de uma pessoa (MACHADO e PRADO, 2008).

O sexo de uma pessoa geralmente é atribuído no nascimento, tornando-se um fato social e legal. No entanto, um relativo número de pessoas tem vivenciado problemas por terem nascido com um determinado sexo, e ao longo da vida, seus corpos tenham incorporado ambos ou certos aspectos da fisiologia masculina e feminina, e às vezes sua anatomia genital. Além disso, os problemas também se acentuam porque a percepção subjetiva dessas pessoas não está em conformidade com o sexo atribuído a elas no nascimento (COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS, 2009).

De acordo com Oliveira (2009), a transexualidade pode ser denominada, em conformidade com o Conselho Federal de Medicina, como um transtorno de identidade de gênero, no qual as pessoas negam e repudiam o seu sexo genital. Além dos transexuais, existem também os travestis, que apesar do comportamento oposto ao seu sexo, não apresentam a necessidade de mudança genital. Essas denominações compõem os transgêneros, ou seja, sujeitos que nascem com um determinado sexo, mas que em sua vivência assumiram o gênero oposto a ele. O transexual apresenta um distúrbio de identidade de gênero, constante e persistente, que evolui na busca da mudança permanente de seu sexo. Mesmo sem o desejo de mudança de sexo, o travesti, assim como o transexual, assume uma identidade que passa pelo vestir-se e comportar-se de acordo com o outro sexo, dando sequência a um tratamento hormonal e, no caso dos transexuais, culminando em uma cirurgia de redesignação sexual.

Pode-se afirmar que, atualmente, devido a uma maior abertura sociocultural, os transgêneros constituem um grupo significativo de indivíduos. Essa questão foi tratada na literatura médica pela primeira vez em 1949 e reconhecida em 1980, no caso dos transexuais, como distúrbio de identidade de gênero no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais – DSM IV (OLIVEIRA, 2009).

Este estudo tem como foco de análise a verificação das condições sociais, culturais e políticas, e o impacto dessas condições na qualidade de vida dos transgêneros de Patos de Minas e região. Dessa maneira, mais que categorizar o transexual ou o travesti, o objetivo é identificar, por meio da história oral de vida dos entrevistados, as experiências vivenciadas por eles. Para nortear a pesquisa são seguidas, nas entrevistas, as recomendações do documento elaborado pela Comissão de Direitos Humanos da União Europeia em julho de 2009, que busca avaliar a vivência do transgêneros em três eixos básicos: a família, os serviços de saúde, o mercado de trabalho e fatores sociais que possibilitam uma visão da percepção dos mesmos acerca da qualidade de vida e de

sua percepção subjetiva de bem-estar.

Partindo-se da hipótese de que os transgêneros possuem maiores dificuldades em suas interações sociais, pode-se fazer o seguinte questionamento: qual a percepção dos transgêneros residentes ou nascidos em Patos de Minas e região acerca do acesso aos direitos essenciais à dignidade humana?

## 2. Referencial Teórico

Os transgêneros, principalmente os transexuais, podem representar uma condição de intenso sofrimento, decorrente não apenas de uma percepção de não-pertencimento ao sexo biológico, mas, principalmente, pela precariedade social proveniente da não-aceitação desta condição por parte da normatividade cultural vigente. Aspecto importante a ser lembrado é que condição transgênera não significa nenhuma incapacidade mental, já que a maioria das pessoas tem total condição de exercer a autonomia de decidir sobre o seu próprio corpo (ARAN, 2006).

Para uma compreensão ampla dessa concepção, torna-se necessário um retrospecto do espaço ocupado pelos transgêneros ao longo dos últimos anos conforme o quadro seguinte:

**Quadro 1: A transexualidade numa perspectiva histórica e multidisciplinar**

FASE	ASPECTOS PERTINENTES
1ª Fase	Tem início em 1896 e perdura nas décadas iniciais do século XX, com as origens da sexologia, principalmente na figura de Magnus Hirschfeld, que defende a presença de uma dominação relativa do paradigma de uma sexualidade intrapsíquica conflituosa. Trata-se de origens científicas, positivistas e militantes, que tiveram como foco a despenalização da homossexualidade e a colocação da mesma como objeto de estudo da medicina. No campo da psicanálise as fronteiras entre sexualidade normal e patológica começam a ficar menos definidas. Freud (1987) em seu texto <i>Três ensaios sobre a teoria da sexualidade</i> (1905) propõe uma base bissexual para a sexualidade humana. A importância da teorização de Freud está em desnaturalizar a sexualidade humana, demonstrando que todas as escolhas sexuais, como produções de desejo, seguem igualmente determinações inconscientes, não havendo o que se possa chamar de sexualidade normal, natural. As propostas da psicanálise freudiana se mantêm, em linhas gerais, como referencial teórico válido até os dias atuais.
2ª fase	A partir de 1928, Harry Benjamin estabelece com o desenvolvimento da endocrinologia uma nova fase de compreensão do transtorno da identidade de gênero, passando a teorizar e descrever o “fenômeno transexual”. Essa fase acompanha o desenvolvimento da endocrinologia, que é um dos fatos fundamentais da medicina científica entre as duas guerras. Esse chamado “behaviorismo endocrinológico” preparou a aceitação da maior parte das teses sociológicas sustentadas após 1945 sobre a identidade sexual.

<p><b>3ª Fase</b></p>	<p>Vai de 1945 a 1975. A tradição americana de sociologia empírica e sua teoria da influência determinante do meio vão conduzir muitos pesquisadores a explorar conjuntamente a questão da socialização dos hermafroditas, dos indivíduos geneticamente anormais, dos meninos com órgãos genitais acidentalmente mutilados, e dos transexuais. A mediatização do caso Jorgensen, feminizado em 1952, ilumina todo o período fornecendo um cenário padrão inúmeras vezes recopiado e/ou revivido pelos futuros candidatos à mudança de sexo.</p>
<p><b>4ª Fase</b></p>	<p>Tem como marca a metade dos anos 70, com a reivindicação libertária de uma despatologização radical do transexualismo, e a ideia de que a identidade sexual é em si um preconceito e limita a liberdade individual. Concomitantemente, o transexualismo e travestismo são descritos como neuroendocrinológicos. Surge o termo transgênero, que reúne as aspirações tanto dos transexuais quanto dos transvestistas e de certos homossexuais de apresentação deliberadamente ambígua, cristalizando então as aspirações militantes e as teorias culturais do gênero, tendo uma boa convivência com as versões mais biologizantes do "distúrbio da identidade de gênero".</p>
<p><b>5ª Fase</b></p>	<p>No início da década de 90, o psiquiatra e psicanalista Robert Jesse Stoler propõe a noção de "núcleo de identidade de gênero" como operador central da compreensão da experiência transexual. Este conceito designa o sentimento de ser homem ou mulher, estabelecido no segundo e terceiro anos de vida, e torna-se uma importante referência nas teorias sobre o transexualismo.</p> <p>No estado atual, as legislações exigem a medicalização da redefinição de sexo para evitar que o estado civil se torne matéria de conveniência pessoal. É o reconhecimento de um ato de transformação concebido como um ato <i>livre</i>, mas formulado em termos que permitem ainda descrevê-lo como uma síndrome e, portanto, preservar uma zona de especialidade <i>médica</i>. A anormalidade sintomática dos transgêneros não se mede mais a partir daí senão pela inadequação social ressentida, em lugar de uma norma da saúde mental. Essa fase é marcada pela instrumentalização consciente e deliberada da cirurgia e dos hormônios aos fins do desabrochar individual, a escolha do estilo de vida sexual no contexto geral da emancipação dos costumes.</p>

**Fontes:** CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, abr., 2001. FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 7.

A investigação do contexto em que a identidade transexual é construída é um fator importante a ser considerado. Mesmo em face da grande relatividade cultural humana em perceber o ambiente, pode-se dizer que existem certas universalidades entre os seres humanos que os caracterizam como espécie. Dentre elas destacou-se a capacidade de organizar ideias e percepções da vida por meio da criação de categorias de pensamento, que são socialmente construídas. Dessa forma, é importante que se contextualize culturalmente o tempo e o espaço em que tais categorias são concebidas,

assim como a sua função social em um dado contexto histórico e cultural. Nessa perspectiva, os transgêneros devem ser considerados não uma categoria natural, mas como uma percepção moderna de fenômenos típicos e recorrentes da diversidade sexual humana comum em muitas culturas (CARDOSO, 2005).

De acordo com o autor supracitado, a identidade de gênero/papel é um conceito abrangente que define o ser a partir de categorias como macho/fêmea ou intersexo, masculino/feminino ou andrógino, bissexual ou monossexual (heterossexual ou homossexual) no âmbito pessoal, social e legal. Tal conceito mostra a consciência pessoal e a convicção do indivíduo a respeito do sexo ao qual acredita pertencer.

No caso dos transexuais, um aspecto importante para sua compreensão são os estudos de Stoller (*apud* ARAN, Zaidhaft e Murta 2008), psiquiatra e psicanalista, que propôs uma teoria detalhada da experiência transexual baseada em três aspectos: (1) um sentimento de identidade permanente, uma crença numa essência feminina sem ambiguidades (no caso do homem e o contrário, no caso da mulher); (2) uma relação com o pênis vivido “como horror” e não existindo nenhuma forma de investimento libidinal; (3) relação simbiótica com a mãe. Esses aspectos, no entanto, não interferem na capacidade de integração social destas pessoas, que permanece intacta.

Entre as diversas teorias que discorrem sobre a questão transgênerica (teoria psicanalítica, biossocial, endocrinológica, etc.) existe um consenso: os sujeitos transgêneros apresentam uma incoerência entre sexo e gênero. Dessa maneira, o sexo representa a parte definida pela natureza, fundamentado no corpo orgânico, biológico e genético, e o gênero a parte que se adquire por meio da cultura. Assim, o gênero não pode ser entendido como uma construção social determinada pelo sexo, e sim um efeito performático que possibilita a constituição e o reconhecimento de uma trajetória sexuada, a qual adquire uma estabilidade em função da repetição e da reiteração de normas (ARAN, 2006).

Trata-se, sob a óptica de Cardoso (2005), de uma percepção de si que está relacionada a sentimentos e desejos internos de adequar-se fisicamente ao que se é psicologicamente, em geral um forte desejo de pertencer ao outro sexo.

No que se refere à saúde, pode-se afirmar que políticas para grupos específicos geram polêmicas por parecerem, a princípio, antagônicas à universalidade preconizada constitucionalmente pelos direitos sociais, já que o Sistema Único de Saúde (SUS) tem como princípios a universalidade do acesso e a integralidade da atenção. Em contrapartida, houve a necessidade de uma política de saúde para essa população. Tais políticas estão evidenciadas no programa do Governo Federal Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB, e de Promoção da Cidadania Homossexual – Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

O documento Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (BRASIL, 2008) descreve ações que vêm sendo e devem ser desenvolvidas à população GLBT, dentre elas: sensibilizar gestores e gerentes públicos da saúde sobre os efeitos da homofobia, lesbofobia e transfobia como elemento da vulnerabilidade, que gera obstáculos ao acesso e à promoção da equidade da população GLBT; implantar e programar instâncias de Promoção da Equidade na Saúde da População GLBT no âmbito das gestões estaduais e municipais; incluir os conteúdos relacionados à população GLBT na formação dos profissionais da saúde de nível técnico e da graduação, bem

como garantir o tema nos processos de Educação Permanente em serviço dos profissionais do SUS; fomentar a realização de pesquisas e estudos para produção de protocolos e diretrizes a respeito da hormonioterapia, implante de próteses de silicone e retirada de silicone industrial para travestis e transexuais (BRASIL, 2008).

A formação da identidade de um indivíduo se dá, primeiramente, na família que se apresenta como um transmissor de valores, crenças e padrões de relacionamento. De acordo com Santos (2004), a família se constitui num espaço privado, doméstico, em que valores, papéis de gênero, constituição de gênero além de pré-conceitos, interdições e tabus são instaurados, construídos, reafirmados ou refutados. Segundo a autora as novas configurações familiares trouxeram a inclusão de diferentes arranjos na definição de família.

No que se refere à relação transgêneros e família, Zambrano (2006) mostra que é importante o enfrentamento de novas demandas e a desconstrução de velhas certezas, pois a condenação generalizada da orientação sexual nas sociedades contemporâneas é a principal resistência à visibilidade dessas famílias, que devem ser consideradas sempre sociais, constituindo-se numa instituição que se efetua segundo critérios que variam de uma sociedade a outra e de uma época a outra.

Atualmente as famílias formadas por casais homoafetivos têm se tornando bastante comuns. São as chamadas famílias homoparentais. No entanto, esse conceito de família homoparental é insuficiente quando se trata da parentalidade exercida por transgêneros. Isso porque, da forma como foi concebido, o termo "homoparentalidade" se refere apenas à orientação sexual, aludindo às pessoas cujo desejo sexual é orientado para outras do mesmo sexo, o que deixaria de fora os transgêneros (ZAMBRANO, 2006).

### **3. Metodologia**

O trabalho se pautou numa perspectiva qualitativa. Os resultados foram analisados de acordo com a teoria da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). A Análise de Conteúdo é uma prática reflexiva construída pela negociação de saberes, interesses, discursos e práticas entre indivíduos.

Segundo Silva (apud Minayo, 2000), a pesquisa qualitativa surge como uma forma de conseguir fazer com que tanto pesquisado quanto pesquisador sejam ativos na pesquisa, já que ambos observam e compreendem a realidade em sua complexidade e subjetividade, abarcando os fenômenos de uma maneira mais ampla.

A atividade de interpretação, no presente estudo, refere-se a um processo de produção de sentidos sendo, o mesmo, o meio e o fim da tarefa de pesquisa (SPINK, 2004). A análise do material seguiu as etapas propostas por Spink (2004) para análise das práticas discursivas: imersão no conjunto das informações coletadas, deixando aflorar os sentidos; elaboração de categorias de análise para melhor visualização das dimensões pesquisadas; codificação do material e classificação das respostas por categorias. As percepções dos sujeitos foram agrupadas nos seguintes núcleos temáticos: relação familiar, inserção no mercado de trabalho, assistência à saúde e percepção subjetiva de bem-estar.

A amostra foi não probabilística, composta por doze sujeitos identificados por meio da associação do seu nome a cores do arco-íris. A escolha dos mesmos se deu por conveniência, sendo selecionados os indivíduos que se enquadraram dentro dos critérios de inclusão estabelecidos: ser maior de 18 anos; apresentar, em conformidade com o DSM-IV (*apud* Kaplan et al., 2006), os critérios diagnósticos específicos aos transgêneros; consentir em participar do estudo, concordando com as exigências da pesquisa e formalizando sua aceitação mediante a assinatura do Termo de Consentimento. O tamanho da amostra seguiu o critério de flexibilidade com possibilidade de inclusão progressiva, sendo o total estabelecido por meio do critério de saturação. Esse critério, na pesquisa qualitativa, é atendido quando, ao fim de certo número de entrevistas, ocorre a repetição de dados configurando-se uma estrutura comum sobre o fenômeno estudado (MINAYO, 1999).

Na realização do estudo foram utilizadas Ficha de Informações Sociodemográficas e Entrevista Semiestruturada, com questões abertas, fundamentadas na análise de conteúdo proposta por Bardin (2004). As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Por se tratar de um estudo qualitativo, a entrevista oral se apresentou como o melhor instrumento, já que por meio dela, pode-se analisar a emoção, a percepção e a subjetividade do entrevistado, de forma reflexiva, porém concisa (MINAYO, 2000).

A análise foi essencialmente temática, o que possibilitou um tratamento categorial aos dados obtidos. As entrevistas foram realizadas no período de 26 de janeiro a 22 de fevereiro de 2011 na cidade de Patos de Minas e região.

#### 4. Resultados e Discussão

A análise da percepção dos transgêneros acerca de sua realidade, aspectos sociais e impactos na qualidade de vida na cidade de Patos de Minas e região foi possível a partir da aplicação de uma entrevista que priorizou a história oral de cada entrevistado. Dessa forma, o conteúdo analisado refere-se não apenas às respostas do questionário, mas também aos depoimentos e à descrição dos eventos e sentimentos vivenciados pelos transgêneros. As características sociodemográficas desse grupo encontram-se compiladas conforme a tabela a seguir:

Tabela 1: Dados dos entrevistados

	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão
<b>Amarelo</b>	44	Feminino	Ensino Médio completo	Policial Civil
<b>Laranja</b>	40	Masculino	Ensino Médio completo	Político Municipal
<b>Vermelho</b>	42	Feminino	Ensino Médio completo	Balconista

<b>Verde</b>	21	Feminino	Superior Incompleto	Estudante
<b>Azul</b>	36	Masculino	Ensino Fundamental completo	Cabeleireiro
<b>Violeta</b>	20	Masculino	Ensino Fundamental completo	Garoto de Programa
<b>Mostarda</b>	29	Feminino	Ensino Médio completo	Auxiliar Administrativo
<b>Anil</b>	24	Feminino	Superior incompleto	Estudante
<b>Rosa</b>	29	Masculino	Ensino Fundamental completo	Garoto de programa
<b>Lilás</b>	35	Feminino	Ensino Fundamental completo	Pedreira
<b>Branco</b>	22	Masculino	Ensino Médio completo	Cabeleireiro
<b>Turquesa</b>	20	Feminino	Ensino Fundamental completo	Secretária

**Fonte:** Entrevistas

Pela aplicação dos questionários percebeu-se que a maioria dos entrevistados situa-se na faixa etária de 18 a 29 anos (58,5%) sendo o restante formado pela faixa de 30 a 39 anos (16,5%) e 40 a 49 anos (25%). Na questão relativa ao sexo dos entrevistados levou-se em consideração seu sexo biológico, sendo que 58,5% destes são do sexo feminino, e 41,5% são do sexo masculino.

Analisou-se também o nível de escolaridade dos entrevistados, constatando-se que 41,5% deles completaram o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio e os 17% restantes possuem Ensino Superior Incompleto.

Na questão relativa à ocupação profissional dos entrevistados constatou-se uma diversidade de profissões, tendo se destacado as de cabeleireiro, garoto de programa e estudante, com 16,5% cada uma. Quanto ao estado civil, todos os entrevistados são solteiros, embora 16,5% tenham relatado morar junto com seu companheiro, e 25% possuem um relacionamento estável. Os 58,5% restantes afirmaram estar sozinhos.

Os resultados compilados a partir das entrevistas permitiram fazer uma análise da percepção do grupo dos transgêneros acerca do suporte social que a cidade de Patos de Minas e região oferecem e qual o impacto em sua qualidade de vida.

A questão do suporte social pode ser compreendida como um conjunto de redes de apoio, ou seja, das relações estabelecidas do sujeito com diversos meios, por meio dos quais é oferecido a ele um suporte instrumental e/ou afetivo (WINCK, 2009).

Considerando a amplitude do critério de suporte social no grupo dos entrevistados e submetendo-os à Análise do Conteúdo, foi possível estabelecer categorias dentro desta temática para a discussão das histórias narradas.

#### 4.1. Inserção no mercado de trabalho

Como se pode observar na tabela acima, os entrevistados apresentaram atividades profissionais diversificadas, o que demonstra que na cidade de Patos e região os transgêneros constituem-se como um grupo de cidadãos que revela e desmitifica a visão de que todo travesti ou transexual se prostitui. Dos entrevistados, apenas dois assumiram fazer programas como fonte de renda. Os demais se mostraram engajados socialmente e no mercado de trabalho, mostrando que essa visão acerca dos mesmos é equivocada. Entretanto, nas entrevistas, observou-se que a inserção no mercado de trabalho foi conquistada com muita luta:

**Laranja:** [...] eu disputei recentemente a presidência da câmara e eu sei que eu não fui eleito, boa parte foi pelo preconceito [silêncio], então quando você entra na disputa, quando você entra na concorrência mesmo ele fica mais forte.

**Azul:** Dois anos, então jogaram uma bomba... eu dormia dentro do meu salão, quase morri, isso foi sério [...] esses hematomazinhos? foi de ??? de bomba quando jogaram né? Então pra mim isso foi lado da questão do preconceito né?, pelo lado de preconceito mesmo né, mas de recente eu vivo bem, lógico né? Trabalho...

Sobre o assunto, Carvalho (2006) ressalta que para os transgêneros, as possibilidades de inserção no mercado de trabalho são mínimas, visto que as relações trabalhistas são baseadas em relações de classe, gênero, divisões étnicas e sexuais que, além de reforçar as dificuldades, mantêm as desigualdades de poder, estigmatizando os sujeitos. As histórias relatadas mostram que mesmo dentre os realizados profissionalmente existem dificuldades no trabalho:

**Verde:** Eu trabalhava na secretaria da escola. Então eu tinha que ter contato tanto com os alunos, professores e pais. Quando eu passei a trabalhar na secretaria, tem pais que até hoje tipo só tem eu lá, eles precisam falar comigo e eles dão a volta pra ver se tem mais alguém dentro da secretaria pra eles não terem que falar comigo.

**Azul:** Pelo fato de preconceito as pessoas andavam em redor né? Eu tinha salão em outro setor, eles iam nas lojas laterais do meu salão né? Pra poder perguntar sobre o meu comportamento, como eu era [silêncio] pra chegar e ter coragem de entrar.

A partir das entrevistas, averiguou-se que os transgêneros do sexo feminino encontraram mais facilidade em obter emprego com carteira assinada. Em contrapartida, os transgêneros do sexo masculino, com exceção do político municipal, parecem ter enfrentado maiores dificuldades para se impor no mercado de trabalho: prostituíram-se ou se estabeleceram como autônomos (cabeleireiros). Acreditamos que isso seja decorrência do fato de os transgêneros do sexo masculino, travestidos de mulher, desper-

tar maior impacto ou postura preconceituosa por parte do empregador e/ou cliente. Ocupar um lugar no mercado de trabalho é uma questão problemática. Entre outros fatores poderíamos levantar a hipótese de que a sociedade associa a imagem do travesti à prostituição, fazendo com que muitos destes necessitem optar pelo trabalho informal (CARVALHO, 2006).

#### 4.2. Assistência à saúde

No que se refere aos serviços de saúde, constatou-se que a maioria considerou ineficiente o atendimento médico. Alguns entrevistados apresentaram uma visão geral dos problemas relativos à saúde pública, outros destacaram a necessidade de um atendimento específico aos transgêneros. A falta de preparo dos profissionais da saúde para o estabelecimento de uma boa relação com esse público foi um dos fatores destacados pelos entrevistados como causa de constrangimento ou mal-estar nas consultas:

**Amarelo:** *Tenho dificuldades em ir principalmente ao ginecologista. A maioria dos médicos estranha quando vou consultar e veem que na verdade sou mulher.*

Reis (2008) aponta que o desrespeito é um dos principais fatores responsáveis pelo mau atendimento prestado aos transgêneros nos serviços públicos de saúde, tendo como referência específica o atendimento dos profissionais que recebem diretamente as pessoas nos serviços de saúde (médicos, enfermeiros, recepcionistas, seguranças, entre outros).

Ainda segundo a autora, isso ocorre porque os serviços de saúde estão imbuídos de valores morais, passando a julgar as pessoas atendidas e criando melhores ou piores condições de atendimento a determinados grupos sociais, fazendo distinção quanto à classe, raça ou orientação sexual. O atendimento à saúde prestado a esses grupos não parece estar de acordo com os princípios da isonomia e universalidade do atendimento. Nas falas esse aspecto pode ser amplamente verificado.

Quanto ao tratamento e prevenção das DSTs os entrevistados salientaram que o serviço de saúde presta uma boa assistência:

**Azul:** *Acho [silêncio] precária na verdade. Não sei se seja pelo lado de ser a gente, acho que não. Na área que seja dentro dos tratamentos ali das doenças venéreas, doenças sexualmente... DST, doenças sexualmente transmissíveis a gente tem um atendimento bom aí só, aí entendeu?... Mas agora também que seja o caso de clínico geral, um alergista, esse tipo de coisa assim eu já acho que é fraco entendeu? É muito difícil pra conseguir, espera até demais, aí onde a gente tem que fazer aquela parte de desembolsar né? Ai tá bom, sai pelo bolso, aí você é atendido mais rápido com precisão né? Mas dizendo assim que seja pelo SUS, esse tipo de coisa, eu acho bem precária.*

Entretanto, assinalaram que essa atenção torna-se exacerbada quando se trata dos transgêneros sendo percebida por eles como um preconceito dos profissionais da

saúde tendo como consequência uma negligência e/ou falta de interesse por eles que não são percebidos como pacientes comuns:

**Branco:** *Quando vou aos médicos a impressão que dá é que sou uma contaminada. Toda vez passam exames para saber se tenho DSTs.*

### 4.3. Relação familiar

No tocante ao suporte social afetivo, o mais importante é, sem dúvida, a família. Conforme Winck (2009), a questão do gênero acompanha a trajetória histórica das relações familiares. Pautadas no patriarcalismo e numa moral na qual o sexo é visto com fins reprodutivos, as relações familiares excluíram de suas configurações questões transgenéricas que representam, de acordo com o autor, um imprevisto, mesmo sendo elas responsáveis por funções fundamentais como promover bem-estar e sensação de segurança.

Sendo a família apresentada em seu papel estrutural, como formadora de caráter, valores e condutas, dentro de um determinado padrão cultural e religioso, tudo que se manifesta de forma diferente é recebido com estranheza e resistência. Muitas vezes, na descoberta da orientação sexual do filho, as famílias somatizam ou expressam angústia, preferindo ver o filho afastado a encarar de forma solidária e suportiva essa realidade.

Segundo Bomfim (2009), é importante considerar que geralmente os travestis são expulsos de casa ou são levados a evadir pela pressão e humilhação no cotidiano em família. No caso dos entrevistados, observou-se que a família foi um fator primordial para que o transgênero conseguisse conquistar seu espaço ou se sentisse frustrado afetivamente. Os entrevistados que se consideravam bem sucedidos em suas vidas tiveram apoio familiar. No entanto, a descoberta da condição transgenérica causou, num primeiro momento estranhamento e resistência por parte dos familiares.

O mesmo autor indica que a identidade de travestis e transexuais é marcada por um conflito familiar inicial, chegando a registros de violência por meio de agressões físicas e verbais.

**Verde:** *Olha, a primeira reação que meu pai teve quando eu contei foi essa [...] nossa então você quer tirar o que você tem e colocar um pinto... Ele falou desse jeito.*

**Azul:** *[suspiros] um problema na questão família [...] um tio né? Então ele me agrediu, ele por ser homem e pai de quatro filhos homens e era militar... E ele tomou a dor do meu pai né? Até então aproximou de mim de uma forma normal sabe, até minhas irmãs tavam junto, dizendo que queria conversar comigo entendeu? Me levou até a casa dele, só que assim que eu cheguei, que eu desci do carro ele começou a me espancar no meio da rua entendeu? Ele me puxou, rasgou minhas orelhas tirando o brinco entendeu?*

**Turquesa:** *Tive que sair de casa por eu ser assim. Queria minha vida desse jeito e a família não é obrigada a aceitar. Então saí de casa e estou até hoje.*

#### 4.4. Percepção subjetiva de bem-estar

Observou-se, nesse contexto, que, quanto à percepção subjetiva de bem-estar, todos se consideram felizes e realizados apesar de alguns perceberem alguma dificuldade afetiva. A dificuldade de encontrar um parceiro fixo e/ou duradouro se manifestou de forma mais evidente nos entrevistados do sexo masculino. Os entrevistados que narraram maiores dificuldades de se estabelecer socialmente, consideraram a felicidade como algo relativo, admitindo não ser realizado no campo amoroso. Em contrapartida, com exceção da dificuldade de relações afetivas estáveis, observou-se que o prestígio trazido pelo exercício profissional minimizou o impacto da orientação transgênera na sociedade.

**Laranja:** *Falta só um amor, mas eu sou muito feliz, sou realizado e realmente sou uma pessoa que queria um companheiro pra mim, sabe como [...] então falta um amor, alguém pra você chamar de seu, um companheiro... Que participe de você, das alegrias, das tristezas, que você possa ter um parceiro né?*

**Anil:** *eu acho que na verdade ser humano nenhum se considera feliz e realizado entendeu? Completamente né? Sempre vai ter aquela cobrança, ai eu precisava de mais isso, ai hoje eu precisava de mais isso, ai acho que tem aquele dia momentâneo que você tá vivendo hoje [...] hoje eu tô bem, tô arrebatando, tô me sentindo o máximo, mas não no dia a dia né? Porque eu falo eu vivo hoje, não penso daqui semana que vem, não penso sábado, não penso no domingo que vem, eu vivo meu hoje né?*

Entre os transgêneros do sexo feminino, observou-se uma maior facilidade nos relacionamentos afetivos e profissionais, visto que das sete entrevistadas do sexo feminino duas moram com a companheira, outras três possuem relacionamento estável e somente duas dizem estar sozinhas. Todas demonstraram ter estabilidade em seus relacionamentos, além de se autoidentificar como pessoas felizes e realizadas nos mais diversos aspectos de suas vidas.

Leal (2003) afirma que entre os casais do sexo feminino existe uma maior ênfase na intimidade emocional e afeto, mais exclusividade nos relacionamentos e maior inclinação para estabilidade no longo prazo dos mesmos.

Por meio das entrevistas observou-se que a maioria considera importante a criação de grupos ou associações de apoio ao público GLBTS na cidade de Patos de Minas, haja vista que o município atualmente não possui nenhum.

**Mostarda:** *Eu acho que tá até demorando ter uma associação [...] tá demorando porque pra pessoa botar a cara pra fora e assumir que é gay é muito complicado. Pouca gente aqui teve coragem [...] uma pessoa que eu admiro é o promotor do Glamour Gay, que vai atrás.*

Observou-se também uma insatisfação pela falta de espaços sociais em Patos de

Minas e região, a exemplo de outras cidades, onde possa ocorrer uma maior interação entre o grupo gay e heterossexual numa relação de respeito e igualdade.

**Verde:** *Olha, aqui em Patos é um pouco difícil, tem cidades melhores pra falar sobre orientação. Uma cidade... eu não sei quantos habitantes que tem aqui, que aqui é muito maior que Uberaba e Uberlândia. Então lá não existe uma boate gay só, são muitas. Não existe um bar gay só, são muitos. Aqui existe uma boate gay e nenhum bar gay, e é muito rotulado sabe? A boate gay é só os gays, hetero não pode entrar lá...*

A cidade de Patos de Minas conta um único evento destinado ao público GLBTS, que ocorre anualmente, no qual se elege a Miss Glamour Gay. Há quinze anos transformistas de todo o Brasil concorrem a esse título, sendo classificados os três primeiros lugares que recebem premiação em dinheiro.

De acordo com o promotor do evento, o concurso, além de fazer parte do calendário turístico da cidade, trazendo diversos investimentos e visitantes de todo o país, tem um expressivo significado para o público GLBTS. Pela escassez de eventos deste tipo na região, durante a sua realização, os participantes têm um momento direcionado apenas a eles, no qual eles se tornam verdadeiras “celebridades” investindo muito em sua produção, seja pela maquiagem, seja pelo vestuário ou acessórios.

A mobilização provocada por este evento levou os promotores a iniciativa da criação de uma Organização Não Governamental, a qual se destinará ao apoio a toda comunidade transgenérica. O projeto visa, além de prestar um suporte com relação à prevenção e controle de doenças sexualmente transmissíveis, organizar um grupo de apoio que possibilitará a troca de experiências entre os participantes e atividades de orientação nas principais questões trazidas pelo grupo.

Durante a entrevista, pode ser observado que os entrevistados não tinham conhecimento de seus direitos e das leis que os protegem permitindo-lhes gozar de uma vida plena na cidade onde vivem. O fato de estarem alheios a estas leis pode levá-los a se omitir em circunstâncias nas quais seus direitos são violados, afetando seu bem-estar dentro de sua identidade sexual.

**Verde:** *Vieram oito homens pra cima de mim, me pegaram pelo pescoço e me bateram, me bateram tanto que minha costela rachou... e o tempo inteiro a única coisa que eu fazia... ou me solta, olha pra mim que eu sou uma mulher... e eles me bateram. Eu fui na polícia, a polícia me falou aqui não é Delegacia da Mulher, que eu tinha que ir lá. Eu fui e a mulher falou pra mim agora não tem plantão, você vai ter que voltar aqui amanhã. O que adianta voltar lá amanhã se o segurança estava lá na festa agora?*

Diante das dificuldades encontradas para se obter apoio à sua queixa, a entrevistada acabou desistindo, ficando com a percepção de que não foi devidamente atendida em decorrência de sua posição sexual.

## 5. Considerações finais

Em concordância com a literatura, confirmou-se a partir das entrevistas que a história sexual e social do indivíduo é fundamental, visto que é a partir dela que o indivíduo constrói sua identidade, sua posição subjetiva no mundo. Athayde (2001) destaca ainda os fatores genéticos e hormonais como relevantes na compreensão e estudo da população transgenérica.

Acreditamos que a presente pesquisa traz contribuições relevantes, no que se refere à cidade de Patos de Minas e região, sobre os seguintes questionamentos: qual o lugar dos transgêneros na sociedade patense e cidades vizinhas? Que acesso tem esse grupo a aspectos básicos como saúde, família, emprego? Os transgêneros consideram-se felizes?

No presente estudo, os resultados indicam que os transgêneros entrevistados ocupam lugares diversificados na sociedade. A maioria possui uma profissão estabilizada e julga-se realizado por ter conquistado um espaço digno. Apesar disso, pode-se refletir que os mesmos, para conseguirem ocupar um lugar no cenário social, encontraram muitos obstáculos, visto que o preconceito ainda é recorrente na saúde, no trabalho, na vivência familiar e na sociedade de maneira geral.

O preconceito, apesar de parecer algo que nasce de uma visão errônea da realidade, possui raízes bastante complexas já que em parte depende de fatores culturais e sociais. O estudo de grupos de indivíduos que, como os transgêneros, são ainda excluídos da cena social, torna possível uma visão mais acurada da realidade dos mesmos.

O próprio Governo Federal criou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação, em outubro de 2001, conselho este responsável pela implementação de medidas como o combate à discriminação com base na orientação sexual. De acordo com o Programa Brasil sem Homofobia, representantes de organizações da sociedade civil, dois movimentos de gays, lésbicas e transgêneros integram esse Conselho. Outro passo importante que aponta para a necessidade de estudos é a criação, em 2003, de uma Comissão temática permanente para receber denúncias de violações de direitos humanos, com base na orientação sexual. Esta Comissão também é responsável pela elaboração do Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação a Gays, Lésbicas, Travestis, Transgêneros e Bissexuais (GLTB) e de Promoção da Cidadania Homossexual, que tem como objetivo prevenir e reprimir a discriminação com base na orientação sexual, garantindo ao segmento GLTB o pleno exercício de seus direitos humanos fundamentais (BRASIL, 2004).

A partir das entrevistas foi possível constatar que os transgêneros consideram Patos de Minas uma cidade com infraestrutura privilegiada, mas que, no entanto, ainda não está preparada para a diversidade sexual. Ainda há um “estranhamento”, o que mostra a seguinte realidade: os transgêneros são satisfeitos quanto aos serviços, mas não quanto às oportunidades de vida e principalmente de eventos e locais voltados para o público GLBTS.

A partir da realidade apresentada pelos entrevistados, foi possível ter uma visão mais abrangente sobre a percepção dos transgêneros acerca de sua qualidade de vida na cidade. Aspecto importante a ser ressaltado é a desmitificação da ideia segundo a qual os transgêneros constituem-se como um grupo totalmente marginalizado. Os

entrevistados responderam considerarem-se felizes, e que Patos de Minas, apesar de não oferecer serviços específicos para o público GLBTS, é uma cidade que oferece condições dignas para esse grupo.

Muitos são os desafios e barreiras a serem superadas para que a diversidade sexual seja enfim compreendida e aceita em plenitude pela sociedade local. Estudos que permitam a essa população expressar suas necessidades e dificuldades são ainda necessários para o estabelecimento de políticas públicas adequadas e discussão, sem preconceitos, sobre as condições de vida e garantias de inserção social desses indivíduos. É importante que eles se sintam como parte da sociedade em que vivem, pois somente poderão chegar além do arco-íris aqueles que acreditarem que suas cores são reflexo do brilho que o sol irradia para toda a humanidade.

## 6. Referências

ARAN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero, *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan. 2006.

ARAN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva, *Psicologia Social*. Porto Alegre, v. 20, n. 1, jan. 2008.

ATHAYDE, Amanda Valéria Luna. Transexualismo masculino, *Arquivo Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia*, São Paulo, v. 45, n. 4, ago. 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOMFIM, Patrick Thiago Santos. *Discriminação e Preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*. 2009. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

BRASIL. *Informes técnicos institucionais: saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais*. Ministério da Saúde: Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. *Brasil sem homofobia programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual*. Ministério da Saúde: Brasília, 2004.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: “drag queens”, travestismo e transexualismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, set., 2005.

CARVALHO, Evelyn Raquel. “Eu quero viver de dia”-Uma análise da inserção das transgêneros- no mercado de trabalho, in: *Seminário Fazendo Gênero, 7, 2006*, Florianópolis. *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, Florianópolis: UFSC, 2006.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, abr., 2001.

- COMISSÃO dos Direitos Humanos. *Direitos Humanos e identidade de gênero*, 2009.
- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 7.
- KAPLAN, Harold et al. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LEAL, Andrea Fachel. *Uma Antropologia da Experiência Amorosa: estudo de representações sociais sobre sexualidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, 2000, p. 7-18.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- OLIVEIRA, Silvério da Costa. *O psicólogo clínico e o problema da transexualidade*. Disponível em: <http://www.sexodrogas.psc.br/>. Acesso em: 12 jan., 2009.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- REIS, Izis Morais Lopes Reis. *Entre a Universalidade e a Particularidade: desafios para a consolidação do direito à saúde de transexuais*. 2008. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SANTOS, Claudiene. *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas*. Tese (Doutorado em Ciência) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SPINK, Mary Jane. *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3 ed. São Paulo: Cortês, 2004.
- WINCK, Gustavo Espíndola. Percepções sobre família e rede de apoio social na transexualidade masculina, *Fazendo Gênero* 7, 2009.
- ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades impensáveis: pais/mães homossexuais, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, jul., 2006.